

Imprensa e política em Itabuna na década de 1920: periodismo e luta política

CARVALHO, Philippe Murillo S. de¹

A última década da Primeira República em Itabuna foi marcada pelo aparecimento de órgãos de imprensa, criados pelas forças oligárquicas ou por profissionais liberais que atuaram no município neste período. Entre 1917 e 1930, quatro jornais de grande circulação periódica no município foram abertos: *Jornal A Época*, *Jornal de Itabuna*, *O Dia* e *O Intransigente* (AQUINO, 1999: pp. 49-54)². Estes jornais serviram de canal de discussão, enfrentamento e disputa política durante suas existências, sinalizando a vivacidade dos embates partidários tecidos pelas classes dominantes da cidade. Contando em sua redação com membros da cultura letrada local, tais como advogados, engenheiros, médicos e farmacêuticos, era comum que os redatores gastassem suas letras construindo discursos em favor de seus parceiros políticos e destrutando ao máximo os opositores. Por isso, os jornais que circularam em Itabuna durante a década de 1920 são resultado de uma experiência da cultura letrada que permite compreender a trajetória da política em nível local, enfatizando as diferentes posições ocupadas pelos veículos de imprensa das elites itabunenses na estrutura republicana da Bahia.

Para este artigo, estaremos trabalhando apenas com as edições do jornal *A Época* e do *Jornal de Itabuna*. Ambos se encontram arquivados no *Centro de Documentação e Memória Regional* mantido pela *Universidade Estadual de Santa Cruz*, depois de passarem por arquivos particulares de familiares dos proprietários destes órgãos de imprensa. De qualquer forma, avaliamos que as edições do *A Época* e do *Jornal de Itabuna* são fontes fundamentais para compreendermos parte da dinâmica política do sul da Bahia nas últimas décadas da Primeira República. A partir destes periódicos, podemos refletir sobre os agrupamentos políticos que se formaram em Itabuna desde a saída de Seabra do poder estadual até as nuances provocadas pelo movimento de 1930, sem deixar de observar quais eram os interesses das diferentes elites locais no processo eleitoral e na tomada de cargos na cidade. Parece que as questões levantadas pelas historiadoras Ângela de Castro Gomes e Martha Abreu sobre a vida política e social da

¹ Professor do *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia* – campus Valença e Mestre em História Regional e Local pela *Universidade do Estado da Bahia* – campus V. philipesantana@yahoo.com.br.

² O autor registra o aparecimento de mais de quatro periódicos para o período referido em Itabuna. No entanto, os outros jornais citados tiveram circulação restrita e irregular, o que possivelmente sinaliza o pouco alcance deles e a inexistência nos arquivos públicos locais. Elemento importante é que o autor teve acesso privilegiado a arquivos particulares de famílias tradicionais da cidade, fato que não se estende a todos os pesquisadores locais que desejam trabalhar com esta documentação.

Primeira República, valem também para este quinhão da Bahia, sobretudo, no sentido de entendermos “uma rica movimentação de atores – intelectuais, trabalhadores, setores de classes médias e populares – empreendidas no campo da participação política que alcançou desenhos variados” (GOMES; ABREU, 2009: p.11-24).

Jornais e grupos políticos em Itabuna na década de 1920

A década de 1920 se iniciou com o retorno de José Joaquim Seabra ao controle do executivo estadual, depois de seu primeiro mandato entre os anos de 1912-1916 e do governador Antônio Muniz de Aragão durante o período de 1916-1920. Àquela altura, Seabra contava com o apoio de parte das elites de Itabuna, sobretudo, do grupo político liderado por Gileno Amado, chefe local ligado à facção Pessoaísta do vizinho município de Ilhéus que se arregimentava por meio do Partido Republicano Democrata (PRD). Desde 1910, quando Seabra já se articulava no Ministério de Viação e Obras Públicas para obter força suficiente para conseguir o governo do estado, o coronel ilheense Antônio Pessoa e seu correligionário itabunense Gileno Amado firmavam seu apoio ao pretendente a governador da Bahia. Isso rendeu ao grupo político sul baiano uma posição confortável no período em que o Seabrismo foi hegemônico na política estadual (SARMENTO, 2009: p.89)³.

Por sinal, Amado havia sido eleito intendente de Itabuna no ano de 1920 com o suporte do seabrismo, mas após sucessivos afastamentos concedidos pelo Conselho Municipal, terminou por renunciar a este cargo, para assumir a vaga de deputado estadual pelo mesmo partido. Uma evidência das ligações entre Seabra e Amado é a comemoração dos resultados das eleições de 29 de dezembro de 1919 publicado pelo Jornal *A Época*.

A estrondosa vitória do P.R.D.

Itabuna, orgulhecida, assistiu no último dia 29, a um espetáculo digno de ficar registrado nos fastos de nossa história como o atentado indiscutível do nosso progresso, do nosso esforço, continuado e eficiente em prol da moralidade de nossos costumes políticos.

A eleição para a sucessão do governo do estado pela absoluta liberdade dos votos e escrupulosa fiscalização, pela lisura dos processos nos movimentos da cabala, pela atividade dos elementos, e, principalmente, pela ordem pública mantida com o mais completo rigor, representa uma demonstração de civismo do nobre eleitorado itabunense⁴.

³ A autora menciona a parceria política estabelecida entre Pessoa e Seabra desde 1910, momento em que ambos buscavam ocupar cargos centrais na política local e estadual, respectivamente.

⁴ CEDOC/UESC. Jornal *A Época*, 4/1/1920, Ano III, n.7. p.2.

Os júbilos comemorativos transcritos no *A Época* não eram gratuitos. Fundado em 1917, este órgão de imprensa foi criado por Gileno Amado para ser o canal de difusão das propagandas e dos discursos em prol do Partido Republicano Democrata local. No trecho destacado acima, o jornal procurava enunciar as condições de uma suposta ordem na qual havia ocorrido a eleição de J. J. Seabra, buscando sintonizar esse acontecimento como parte de um caminho progressista para Itabuna. Não podemos deixar de lembrar que a prática de utilizar jornais para aumentar o alcance dos discursos políticos foi muito comum no seabrismo. Apenas em Salvador, Seabra possuía dois grandes jornais entre 1909 e 1922. (SARMENTO, Op.Cit.: p.11) É bem possível que Amado, inserido dentro desta política, fosse influenciado por este uso da imprensa com finalidades partidárias. Por ter um caráter político partidário, o *A Época* quase sempre estampava em sua primeira página uma manchete a favor ou contra a administração pública, o que dependia do PRD está (ou não) no poder.

Durante o período em que o PRD local esteve à frente da intendência de Itabuna (1912-1925) era este periódico que cumpria a função de publicar os atos oficiais do executivo municipal, já que até o ano de 1930, não existia Jornal Oficial. A publicação dos expedientes oficiais do município era custeada pelo poder público, sendo a origem de parte dos recursos financeiros que ajudavam a manter em funcionamento o jornal de Amado. Desde o ano de sua fundação, até 1925, todas as administrações municipais foram ocupadas por membros do PRD local, o que quer dizer que o *A Época* recebeu pagamentos pela divulgação dos atos oficiais durante oito anos seguidos. Aliás, veremos que a questão da publicação dos “Atos Oficiais” do município foi alvo de disputa entre os periódicos da cidade.

Juntamente com a renda oriunda do poder público de Itabuna, o *A Época* provavelmente sobrevivia também das contribuições realizadas pelos correligionários do P.R.D. local que faziam propagandas de suas atividades profissionais neste jornal. São os casos, por exemplos, de Carlos Cavalcanti, médico e farmacêutico; Reinaldo Sepúlveda, advogado; Antonio Cordeiro de Miranda, médico e um dos sócios majoritários do periódico. Havia ainda algumas propagandas de produtos farmacêuticos, como Emulsão Scott; e de bebidas alcoólicas, muito provavelmente porque alguns dos membros do partido possuíam farmácias, consultórios e bares na cidade. As tipografias do *A Época* também imprimiam outras publicações para entidades de classes da cidade, como a Associação Comercial de Itabuna, Associação Comercial de Ilhéus, e a Sociedade Monte Pio dos Artistas de Itabuna, o que certamente implicava no aumento de sua

renda financeira⁵. Finalmente, é quase desnecessário frisar que Gileno Amado era uma das maiores fortunas da região, base financeira fundamental para que o jornal mantivesse uma vida estável.

Afora as contribuições financeiras, a base intelectual do Jornal *A Época* era os membros da intelectualidade itabunense ligados ao Partido Republicano Democrático, tais como Dr. Antonio Cordeiro de Miranda, Quintino Souza (do qual não temos muitas informações) e Dr. Soriano Neto, professor de direito formado pela Faculdade do Recife, advogado atuante nas comarcas de Ilhéus e de Itabuna, um dos sócios e colunistas do periódico. Mas a base intelectual principal do *A Época* era Gileno Amado. Ele começou a ocupar uma posição de expressão na política itabunense a partir da primeira gestão de Seabra, quando as forças oligárquicas da região cacauzeira inverteram suas posições de situação e oposição. Com isso, a partir de 1912, Amado se tornou um habilidoso articulador político da cidade, sempre ocupando postos de relevância no poder público local até o ano de 1925 (GONÇALVES, 1960; SILVEIRA, 2002)⁶. Outrossim, Gileno Amado era um elemento diferente de outros políticos do cenário eleitoral na década de 1910, visto que sua formação acadêmica de bacharel de Direito lhe concedia uma forte habilidade com as letras e uma posição de produtor de discurso político que ajudava a marcar um território nas disputas locais por meio da imprensa, em contraposição a outra parte da elite de Itabuna que era ruralista e possuía pouca afeição à produção escrita até 1920. Como Redator do periódico, Amado compreendia a função da propaganda e da comunicação das idéias, pensamentos, atividades e ações dos grupos do PRD. Havia a consciência de que a imprensa era um meio de convencimento da parcela da população eleitoral, sobretudo pela credibilidade que os jornais possuíam no início do século XX. Ao comemorar o 11º ano de funcionamento do *A Época*, o periódico destacava

De eminência iluminada, que alcançamos numa marcha firme e obstinada, através de rudes caminhos erçados de espinhos, semeados pela maldade, o despeito e a perfídia dos maus para nos empecer a jornada, podemos descortinar, desvanecidos, o terreno percorrido nestes onze anos de lutas jornalísticas na defesa dos princípios políticos que Gileno Amado nos inscrevera na bandeira de seu partido e por cujo triunfo

⁵ Estas publicações produzidas pelas Tipografias do *A Época* podem ser encontradas espalhadas pelos arquivos da região. Cito alguns encontrados por mim. CEDOC/UESC. *Estatuto da Sociedade Monte Pio dos Artistas de Itabuna*. Itabuna: Tipografia D'A Época, 1928. *Estatuto da Associação Comercial de Itabuna*. Itabuna: Tipografia D'A Época, 1912. *Relatório da Diretoria da Associação Comercial de Ilhéus – Exercício de 1928-1929*. Itabuna: Tipografia D'A Época, 1929. *Anais da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Itabuna (1942)*. Itabuna: Tipografia D'A Época, 1943.

⁶ Embora nenhum historiador tenha ainda se dedicado a traçar a trajetória de Gileno Amado, as obras memorialísticas destinam várias páginas sobre a vida deste personagem. Cito GONÇALVES: 1960. SILVEIRA: 2002.

*surgimos – órgão de seu pensamento, produto exclusivo de sua vontade, de sua abnegação cívica de seu superior desprendimento*⁷.

Ao entrar para o mundo da imprensa, Amado e seus companheiros de partido tinham a consciência de que possuíam um instrumento para elaborar e difundir os ideais políticos que carregavam consigo, bem como marcar seu território na arena de disputa eleitoral em que estavam inseridos. Com o *A Época*, Gileno Amado conseguiu construir um discurso de moralidade e de defesa da ordem política que estavam ligados a manutenção do PRD no poder público do município e do estado, desfazendo em críticas ou alertas as ações que fugissem a este padrão. Mas para além da disputa partidária, as páginas deste periódico ressaltavam sinais de prestígios sociais que destacavam o grupo dos Amados de outros setores da elite local. Não por acaso, o periódico possuía uma seção social intitulada *Notas & Notícias* que davam conta da movimentação de pessoas das elites de Itabuna em torno de festividades, de viagens e de encontros realizados, tal como se extrai da notícia veiculada sobre o aniversário que foi “comemorado no dia 12 de janeiro da exma sra. Eufrosina Berbert Tavares, digníssima consorte do cel. Misael Tavares, honrado capitalista e real influente da política no vizinho município de Ilhéus”⁸.

Outro ponto a ser destacado como característica essencial do *A Época* é a influência bacharelesca e acadêmica inerente a sua produção. Ao destacar que era de “eminência iluminada”, ressaltavam a origem cultural acadêmico-científica dos redatores do periódico como aspecto de credibilidade das notícias veiculadas pelo jornal. Na crença de que as bases científicas conduziam o homem ao progresso, os redatores do *A Época* acreditavam obter a chave da verdade para a política e para a sociedade, e, conseqüentemente, adquirir o poder. Notamos parte dessa vaidade acadêmica dos membros deste jornal na notícia sobre a construção do prédio da faculdade de direito em Salvador. O periódico itabunense destacava a pretensa importância histórica dos profissionais de direito para o Brasil.

*De todo os estabelecimentos de ensino superior são as Faculdades de Direito os que mais carinhos devem merecer do povo brasileiro. Delas tem saído, - como disse o dr. José Soriano de Souza Neto [...] os estadistas que mais tem feito pela Terra de Santa Cruz. Realmente, se abirmos a História do Brasil, veremos que os bacharéis em direito, desde os tempos coloniais, vêm seguindo os passos da nossa nacionalidade*⁹.

⁷ CEDOC/UESC. *Jornal A Época*, 10/11/1928, Ano XII, n.438. p.1.

⁸ CEDOC/UESC. *Jornal A Época*, 18/9/1920, Ano III, n.32. p.1.

⁹ Idem. *Jornal A Época*, 28/1/1928, Ano XI, n.398. p.1.

Utilizando-se do conhecimento histórico e do prestígio acadêmico da época, os bacharéis em Direito, incluindo o próprio Gileno Amado, reivindicavam uma legitimidade da produção intelectual como referência política e social para o país (HERSCHMANN, PEREIRA, 1994). No caso do Jornal *A Época*, seus membros acreditavam que o fato de uma parte de seus membros intelectuais serem provenientes da área do direito era o suficiente para que os leitores considerassem a credibilidade de suas informações e a honestidade de seus projetos políticos para a sociedade itabunense. Vale dizer que esse tipo de posição não ficou restrita apenas ao periódico de Amado, mas também valia para o *Jornal de Itabuna*, conforme veremos a seguir.

Infelizmente, não há a possibilidade de precisar qual a tiragem do *A Época* (e também dos outros jornais), já que eles não traziam em suas páginas a tiragem semanal. No entanto, se imaginarmos a circulação deste periódicos a partir da localidade da qual noticiavam periodicamente, podemos vislumbrar que o jornal de Amado conseguia alcançar um número considerável de pessoas que sabiam ler no município de Itabuna. Informações sobre os distritos de Mutuns, Palestina, Ferradas e Macuco eram freqüentes, o que nos faz presumir que o jornal circulava por estas áreas¹⁰. Além disso, outro sinal de alcance do *A Época* são os registros de recebimento de exemplares existentes nas atas da Sociedade Monte Pio dos Artistas de Itabuna em cada sessão, o que pode sinalizar a leitura do periódico por trabalhadores e artistas da cidade¹¹. Um exemplo da amplitude do alcance deste periódico entre os artistas de Itabuna ficou registrado na ata de reunião da Assembléia Geral da Sociedade Monte Pio dos Artistas de Itabuna foi excluído daquela agremiação por ter publicado um texto no *A Época*¹².

Depois do *A Época* lançado em 1917, surgiu o *Jornal de Itabuna* no ano de 1920 criado pelo bacharel em direito Lafayette Borborema. Além de advogado, Borborema ocupou diversos cargos no poder público, incluindo os de promotor e de delegado do município, desde a sua chegada a região no ano de 1906 (BORBOREMA, 1984: p.12). Embora o *Jornal de Itabuna* em seu início tenha procurado assumir uma postura ambígua com relação a política local, sem assumir nenhuma bandeira partidária, não foi preciso muito tempo para perceber de que lado do jogo político este periódico estava. O fundador deste jornal fazia parte do grupo político do

¹⁰ Apenas como referência do que foi afirmado, cito alguns exemplos de notícias sobre os distritos de Itabuna. CEDOC/UESC. *Jornal A Época*, 18/1/1920, Ano III, n.9. Notícias sobre Banditismo em Ferradas.

¹¹ A título de demonstração, cito a Ata da 17ª sessão da diretoria da Sociedade Monte Pio dos Artistas de Itabuna, realizada em 29/8/1923, onde os membros da S.M.P.A.I. registraram o recebimento de vários números do jornal *A Época*.

¹² ASMPAI. 4º Volume do *Livro de Atas da Assembleia Geral da Sociedade Monte Pio dos Artistas de Itabuna*. Ata da 4ª sessão da Assembléia Geral da S.M.P.A.I., realizada em 5 de junho de 1929. ff. 14-18.

Coronel Paulino Vieira, alijado do poder desde 1912, quando Seabra ocupou o poder estadual, trazendo consigo a facção Pessoa/Amado na direção da intendência local (GONÇALVES, 1960: p.50)¹³. Além disso, o grupo de Vieira parecia ter um vínculo significativo com o Coronel Henrique Alves, membro do grupo político dos *Adamistas* e rival de Gileno Amado. Alves teve forte influência política na região desde 1890 até 1910, quando ocupou cargos no Conselho Municipal de Ilhéus e atuava como um dos representantes do Adamismo no distrito de Tabocas (RIBEIRO, 2001). Os embates entre Borborema e Amado tiveram a imprensa como cenário de suas disputas políticas locais. Um exemplo disso é o *A Época* datado de 18 de janeiro de 1920, que acusava Borborema de emperrar o processo eleitoral que havia eleito Seabra ao governo da Bahia supostamente a mando de Henrique Alves.

Dissemos que o Sr. Lafayete Borborema, como fiscal da seção no pleito de 29 último, sem um protesto, sem uma reclamação deixara de assinar a respectiva ata pelo fato único de ter para isto recebido um bilhetinho de ordem do seu amo e feitor, o Sr. Henrique Alves, por intermédio do célebre Pacheco. [...] A eleição correu lisamente, escoimada de toda a dúvida e ao Sr. Lafayete, se lhe restasse ainda vislumbre de dignidade competia vir provar o contrário.

E haverá homem que, sentindo palpitar no coração um sopro de vida digna e honesta, possa assistir, sem um brado de revolta e sem angulhos, de nojo, o espetáculo da ruína moral que o Sr. Lafayete representa, traidor das orientações de seu chefe, fâmulos das conveniências inconfessáveis daquele que sempre quis o levar a chicote?

¹⁴

As acusações realizadas contra Borborema são parte de um discurso político produzido pelo *A Época* para legitimar a eleição de Seabra nas urnas itabunenses, bem como denunciar uma suposta oposição política do grupo político dos Alves ao novo governo da Bahia executada pelo dono do *Jornal de Itabuna*. Isso era importante porque Amado procurava a todo o momento veicular em seu jornal sua condição de apoio e de defesa concernente ao Seabrismo, especulando e difamando figuras políticas que se opunham ao PRD. Veremos mais a frente que essa rivalidade política em torno da imprensa ficou mais latente a partir do ano de 1923, momento em que o *Jornal de Itabuna* assumiu uma postura questionadora da gestão de Seabra e passa a apoiar a candidatura de Góes Calmon, tendo como referência política para o sul da Bahia a figura de João Mangabeira, líder da *Concentração Republicana da Bahia* na região (SAMPAIO, 1998: pp.169-177).¹⁵

¹³ O autor ainda se refere a uma tentativa frustrada do grupo Paulinista em tomar a intendência de Itabuna no ano de 1916 com o suposto apoio do governador seabrista Antonio Muniz de Aragão.

¹⁴ CEDOC/UESC. *Jornal A Época*, 18/1/1920, Ano III, n.9. p.2.

¹⁵ A *Concentração Republicana da Bahia* foi um partido político fundado em 10 de janeiro de 1923 que agrupou os políticos que faziam oposição a J. J. Seabra no início da década de 1920, entre eles, João Mangabeira.

Voltando ao perfil do *Jornal de Itabuna*, podemos dizer que uma parte considerável dos recursos provenientes para a manutenção do periódico eram extraídos das propagandas publicadas em suas páginas. Em comparação com o *Jornal A Época*, o de Borborema possuía bem mais propagandas e de empresas variadas, como por exemplo, a *Gilete*, *Elixir 914*, *Vanadiol*, *Biotônico Fontoura*, *Nacional Seguros de Vida S.A.*, *Perlitos* (empresa revendedora dos charutos Danemann & Cia). Além das empresas, havia também anúncios de empreendimentos locais dirigidos por parte da elite comercial de Itabuna, tais como *Palácio Central*, propriedade de Carlos Maron & Cia.; *Cana de Ilhéus*, pertencente aos Sr. Astério Rebouças; *Lojas Jacy*, comércio do Sr. Abílio M. Teixeira; Dr. Ruffo Galvão, médico e deputado estadual; Dr. Salomão Dantas, advogado e deputado estadual; e Américo Cavalcanti, advogado¹⁶. Um sinal da preocupação do *Jornal de Itabuna* com a atração de publicidades era as chamadas publicadas para que as empresas anunciassem nas páginas do Periódico. “OLHE! Faça seus anúncios no *Jornal de Itabuna*. Propaganda é tudo!” (grifos originais)¹⁷ Outra forma de captar recursos financeiros eram as vendas de assinaturas para os leitores da região, cuja validade era de um ano. Infelizmente, não foi possível até o momento precisar a quantidade de assinantes existentes no município.

Por ter sido oposição em nível local entre os anos de 1920 e 1925, o *Jornal de Itabuna* não recebeu muitos recursos do poder público municipal. Conforme já foi dito, tanto José Kruschewsky como Laudelino Lorens, intendentess de Itabuna no período citado, pertenciam ao PRD local, partido político que estava ligado diretamente ao *Jornal A Época* e que tinha o privilégio de publicar os atos oficiais do poder municipal. Apenas no curto espaço de janeiro de 1926 a junho de 1926, o *Jornal de Itabuna* publicou os atos oficiais da intendência¹⁸, quando foi substituído pelo *O Intransigente*, órgão vinculado ao partido de Henrique Alves criado em 1926; e nos anos de 1929 e 1930, durante a gestão de Benjamin de Andrade¹⁹, quando finalmente foi fundado o *Jornal Oficial do Município de Itabuna*. Veremos mais a frente que, a disputa pela publicação dos atos oficiais fez com que o *Jornal de Itabuna* mudasse de posição política entre os anos de 1926 e 1928, quando deixou de apoiar o governo de Henrique Alves e

¹⁶ A lista de empresas e pessoas citadas acima foi extraída a partir da contingência de anúncios feitos no *Jornal de Itabuna* entre os anos de 1920 e 1930. Há propagandas de outras instituições que estão publicadas neste periódico, mas que não foram tão recorrentes quanto os citados no texto.

¹⁷ CEDOC/UESC. *Jornal de Itabuna*, 20/12/1923, ano IV, n.º183. p.1.

¹⁸ CEDOC/UESC. *Jornal de Itabuna*, 16/1/1926, Ano VI, n.290. p.4. Este foi o primeiro número em que o *Jornal de Itabuna* começou a publicar os atos oficiais do município no ano de 1926, durante a gestão de Henrique Alves.

¹⁹ Idem. *Jornal de Itabuna*, 28/8/1929, Ano X, n.459. Primeiro número em que o *Jornal de Itabuna* voltou a publicar os atos oficiais do município no ano de 1929, durante a gestão de Benjamin Andrade.

passou a criticar de forma contundente este coronel, deslocando sua adesão ao Partido Republicano de Itabuna comandado por Salomão Dantas e Benjamin de Andrade.

Intelectualmente, o *Jornal de Itabuna* reunia também grupo de letrados, principalmente da área do Direito e da Medicina, que faziam oposição ao grupo de Gileno Amado e, mais tarde, ao de Henrique Alves, arregimentando-se no final da década de 1920 ao Partido Republicano da Bahia (PRI). Pelo menos dois deles é possível identificar com relativa facilidade: Godolfredo Almeida do Espírito Santo²⁰, advogado na comarca de Itabuna; e Joviniano Soares de Carvalho, tabelião de notas e ofícios de registro de imóveis²¹. Embora as colunas existentes no periódico não explicitem a participação de outros autores, imaginamos que a frequência com que determinados personagens apareceram nas suas páginas nos dão pistas de quem também eram os mentores dos textos produzidos. Além dos citados anteriormente, registramos textos sobre Salomão Dantas, advogado, líder e deputado estadual pelo PRI, e um dos presidentes do Banco Rural de Itabuna; Benjamin de Andrade, farmacêutico, membro do PRI, intendente de Itabuna entre os anos de 1929-1930. No período em que Salomão Dantas foi deputado federal e presidente do Banco Rural de Itabuna, ele publicou diversos textos sobre as ações políticas de seu partido no legislativo estadual e as medidas tomadas pelo citado banco²².

Assim como o *Jornal A Época*, o *Jornal de Itabuna* também exaltava suas bases intelectuais ligadas ao curso de Direito. O fato de ser dirigido por um advogado e ter como colaboradores membros graduados na área do direito e da saúde também era utilizado para se diferenciar de outros jornais da cidade. Por exemplo, em 27 de abril de 1928, o periódico do advogado Lafayette Borborema criticava as posturas de Henrique Alves, dono do jornal *O Intransigente*, afirmando que “não sabendo ler e mal escrever, não admitindo opinião ou conselho de ninguém sobre as suas deliberações [...] o intendente Henrique Alves perdeu grande parte dos amigos e irritou fortemente a oposição, impedindo por altas barreiras a harmonia e a paz de Itabuna [...]”²³. Em outra oportunidade, o mesmo *Jornal de Itabuna* dizia que

Como era de se esperar, correu com subterfúgios próprios a quem está a mentir refalsadamente a gente que mora nos fundos da rua dr. J. J. Seabra, num alcouce,

²⁰ Idem. *Jornal de Itabuna*, 17/2/1927, Ano VII, n.343. p.1.

²¹ Ver referência memorialística.

²² CEDOC/UESC. *Jornal de Itabuna*, 11/2/1928, Ano VII, n.385. p.1.

²³ CEDOC/UESC. *Jornal de Itabuna*, 27/4/1928, Ano VIII, n.395. p.1.

*onde, dizem, publica-se “O Intransigente”, jornal sem compostura, sem critério, sem idéia, sem cultura, que infelicitava o meio ambiente em que vivemos com as suas investidas contra personalidades de mérito reconhecido e verdadeiras expressões de caracteres que estão acima, da redação do “O Intransigente”*²⁴.

Uma das maneiras de formular críticas contundentes contra *O Intransigente* utilizada pelo Jornal de Itabuna era evidenciar as origens não-letradas do jornal do cel. Henrique Alves. Dirigido pelo genro do coronel, Miguel Moreira, *O Intransigente* não possuía entre seus colaboradores muitos membros de origem letrada. Essa condição era duramente criticada por Lafayette Borborema, sempre condicionando a falsidade das informações lançadas pelo jornal de Alves à falta de acadêmicos. Essa postura se acentuou a partir do momento que, como dissemos, Borborema rompeu com o coronel, depois que este havia criado o seu próprio periódico, onde também passou a publicar os atos oficiais do poder executivo municipal. Há também uma crítica pessoal que foi utilizada pelo Jornal de Itabuna e também pelos outros periódicos da cidade, cujo objetivo é desmoralizar publicamente os opositores políticos. De acordo com José Murilo de Carvalho, existe uma característica muito comum dos veículos de imprensa com bandeiras partidárias em exercerem seus argumentos críticos de forma personalista e com forte violência verbal, atacando as ações políticas dos inimigos (CARVALHO, 1999: p.141).

Do mesmo modo que o jornal dos Amados, o *Jornal de Itabuna* não trazia em suas edições a tiragem de cada número publicado. Contudo, repetindo o mesmo procedimento feito anteriormente, podemos supor que a circulação do jornal de Borborema tinha uma circulação razoável pelo interior do município de Itabuna, a julgar pela quantidade de notícias sobre os distritos. Outro indício da circulação do *Jornal de Itabuna* era algumas informações que eram encaminhadas por leitores dos distritos itabunenses, tal como foi publicado em 14 de janeiro de 1922 uma carta enviada por uma pessoa de codinome vigilante, moradora de Macuco (atual município de Buerarema), que se iniciava dizendo ter “notícias frescas, para as quais peço publicação no seu conceituado jornal”²⁵. De forma semelhante, muitas notícias do interior chegavam por meio de pessoas que iam até a redação do periódico, como, por exemplo, as denúncias de mau comportamento dos policiais em Mutuns registradas em junho de 1922.²⁶

²⁴ CEDOC/UESC. *Jornal de Itabuna*, 13/3/1928, Ano IX, n. 437. p.1.

²⁵ CEDOC/UESC. *Jornal de Itabuna*, 14/1/1922, ano II, n.62. p.3.

²⁶ CEDOC/UESC. *Jornal de Itabuna*, 8/6/1922, ano II, n. 102. p.1.

Considerações finais

Obviamente, este texto é apenas uma pequena contribuição para se refletir sobre a experiência política e as produções jornalísticas no sul baiano durante as décadas finais da Primeira República. Infelizmente, esta perspectiva, que já deu resultados importantes para a história e a historiografia de outros lugares, ainda não ganhou a notoriedade necessária por parte dos historiadores que pesquisa o sul da Bahia no citado período. Felizmente, pesquisadores de outros períodos (especialmente da década de 1950 e 1960) tem se voltado com mais afinco a compreender o papel da imprensa e dos intelectuais na política. Destaques são os trabalhos de Danilo Ornelas Ribeiro (2010), que se dedica a entender a percepção das elites itabunenses sobre a cidade por meio da imprensa, especificamente o Diário de Itabuna; e de Bruno Oliveira Moreira (2010), que busca refletir sobre os discursos produzidos pelo e no jornal *A Tarde* sobre a Revolução Cubana. Trabalhos como estes nos ajudam a pensar sobre a importância deste tipo de fonte para o historiador que tenta traçar os rumos políticos percorridos por partidos e intelectuais na Bahia republicana.

No caso específico deste texto, vimos como os jornais de Itabuna representavam a diversidade de grupos políticos existentes na esfera local, imbuídos de interesses que sinalizam o quanto era plural a classe dominante no sul da Bahia. Os jornais eram a arena de disputa escolhidas por estes grupos para lutarem por mais espaço na política baiana. Não há dúvidas de que os redatores destes periódicos tinham plena consciência do papel político a ser desempenhado pela imprensa e do poder de alcance entre as pessoas. Por isso, os intelectuais que estava a serviço dos periódicos não poupavam letras e palavras para atacar pessoalmente os inimigos e ressaltar o feito dos aliados políticos.

Os jornais sugerem também os caminhos e os descaminhos políticos que as classes dominantes trilharam para se adequar as mudanças políticas ocorridas na Bahia durante a década de 1920. Observamos que até 1925, o jornal *A Época* desfrutava do privilégio de pertencer ao grupo local seabrista, hegemônico na política baiana, obtendo recursos públicos do poder municipal de Itabuna e sendo o porta voz do PRD para a cidade, enquanto que o *Jornal de Itabuna* buscava ocupar espaços junto a oposição da *Concentração Republicana da Bahia*. Mesmo tendo Borborema apoiado a CRB e a candidatura para intendência municipal de cel. Henrique Alves, as perspectivas de finalmente obter recursos públicos junto à intendências foram frustradas com a abertura do jornal *O Intransigente*, de propriedade do próprio coronel. Somente em 1929, com a chegada de Benjamin de Andrade ao executivo municipal, com o

apoio do governador Vital Soares, é que o *Jornal de Itabuna* finalmente conseguiu ter o prestígio político e financeiro almejado até o ano de 1930; período no qual o *A Época*, alijado do poder municipal e afastado do poder estadual amargava duras situações financeiras.

Diante destas considerações, que são apenas breves indícios da pluralidade e da vivacidade política do sul da Bahia na Primeira República, devemos mensurar que os jornais são fontes que evidenciam um rica experiência de mobilização e de organização de atores coletivos em torno de questões políticas. Mais do que isso, mostra as idas e vindas do regime democrático-liberal brasileiro antes de 1930, os contornos desenhados por grupos políticos que usavam de sua retórica para demarcar espaços partidários e tentar alcançar a hegemonia do poder em Itabuna na Bahia.

Referências Bibliográficas

- AQUINO, Ramiro. *De Tabocas a Itabuna: 100 anos de imprensa*. Itabuna: Editora Gráfica do Agora, 1999.
- BORBOREMA, Helena. *Lafayette de Borborema: uma vida, um ideal*. Ilhéus: CEPLAC/PACCE, 1984. p.12.
- CARVALHO, José Murilo de. História intelectual do Brasil: a retórica como chave de leitura. In. *Topói*. Rio de Janeiro, n.º1, 1999. p.141.
- GOMES, Ângela de C.; ABREU, Martha. A nova “Velha” República: um pouco de história e historiografia. In. *Revista Tempo*. Vol.13, n.º 26, Jan-Jun, 2009.
- GONÇALVES, Oscar R. *O Jequitibá da Taboca*. Manoel Fogueira e Oscar R. Gonçalves. 1ª Edição. Itabuna: Oficinas Gráficas do Estado da Bahia, 1960.
- MOREIRA, Bruno O. “Visita a uma Revolução”: uma análise dos escritos de Milton Santos sobre a Revolução Cubana. In. *Revista de História da UFBA*, Vol. 2, n.º 1, 2010.
- RIBEIRO, Danilo O. *O Diário de Itabuna: ensaio sobre imprensa, cidade e elites em Itabuna-Ba nos anos de 1960*. Itabuna, manuscritos, 2010.
- RIBEIRO, André L. R. *Família, poder e mito: o município de São Jorge dos Ilhéus*. Ilhéus: Editus, 2001
- SAMPAIO, Consuelo Novais. *Os partidos políticos na Bahia da Primeira República: uma política de acomodação*. Salvador: EDUFBA, 1998.
- SARMENTO, Sílvia Noronha. *A raposa e a águia: J.J. Seabra e Rui Barbosa na política baiana da Primeira República*. (Dissertação de mestrado). Salvador: PPGH/UFBA, 2009.
- SILVEIRA, Adelindo K. *Itabuna, minha terra!*. Itabuna, 2002.